

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1326 - 16/11/2015 a 22/11/2015

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SUINOCULTURA

CENÁRIO ANIMADOR

Agrotóxicos

Sem eles, produção
cairia pela metade

Entressafrá

O limão que
a seca azedou

www.sistemafaep.org.br



FALTAM

172

DIAS PARA O
TÉRMINO DO PRAZO

A informação é da FAO, braço das Nações Unidas para alimentos e agricultura: até 2024, o Brasil deve se tornar o maior exportador de alimentos do mundo. É um tremendo feito para quem, até os anos 1970, importava comida. O grande mérito por isso é seu, produtor rural.

É claro que isso aconteceu com uma mãozinha da ciência – em especial da Embrapa, cujas pesquisas foram decisivas para expandir a fronteira agrícola do país. Os defensivos agrícolas também ajudaram, reduzindo as perdas provocadas por pragas. Hoje em dia eles têm sido atacados, como se fossem um dos grandes inimigos da saúde pública no país.

Não são. Na verdade, sem eles boa parte do sucesso obtido pela agricultura brasileira nunca teria sido alcançada. A estimativa é de que a produção brasileira poderia cair 80% sem o uso dos agrotóxicos. Isso significaria menos 80 milhões de toneladas de soja ou 168 milhões de toneladas de grãos em geral (incluindo também milho, trigo e arroz, por exemplo).

Esse é um dos temas do Boletim Informativo, que tem como principal destaque o cenário positivo para a suinocultura paranaense para 2016. Mas atenção, porque há algumas sombras sobre esse prognóstico positivo. As principais são a recessão que o país atravessa (e que tem o potencial de prejudicar as vendas no mercado interno) e o aumento de custos, em consequência do dólar caro.

Boa leitura!

Índice

PER	03
Suinocultura	04
PRA	08
CAR	10
Milho Safrinha	11
História - Ilha de Páscoa	12
Mercado - USDA	14
SENAR-PR	16
Fumicultura	18
Citricultura	19
Defensivos	20
Solos	22
Tecnologia - Irrigação	24
Tecnologia - Colheita	25
Notas	26
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1326:

Fernando Santos, Milton Dória, Divulgação e Arquivo FAEP

Os finalistas do Programa Empreendedor Rural 2015

Em 2015 foram enviados 99 projetos de todo o Paraná e durante os dias 04 a 06 de novembro a banca composta por professores da ESALQ/USP e UFPR, instituições parceiras SEBRAE Paraná, FETAEP e o SISTEMA FAEP/SENAR analisaram todos os projetos. Foram classificados os 10 melhores projetos e destes os três melhores serão premiados no evento de encerramento no dia 4 de dezembro, no Expotrade Pinhais. Veja os dez finalistas em ordem alfabética por município:



Entrega dos prêmios na festa de 2014

Projeto: Criação de Ovinos

Autor: José Luis Alves Miguel

Município: Cambira

Projeto: Bovinocultura de corte – Implantação e Reforma de pastagens na Fazenda Lagoa Seca

Autores: Marcio Manfredini e Rossana Campello Manfredini

Município: Candió

Projeto: Construção e reforma de benfeitorias para otimizar a mão de obra na atividade leiteira.

Autores: Redivange De Marchi e Maria Angela Herman De Marchi

Município: Mallet

Projeto: Projeto de Aquisição de área para intensificação de produção de leite

Autora: Patrícia Simer

Município: Marmeleiro

Projeto: Construção de Free-Stall para ampliação da pecuária de leite.

Autora: Rozelene Lurdes Demarchi

Município: Medianeira

Projeto: Pedacinho do Céu – Cultivo de rosas de corte

Autoras: Caroline de Carli e Mariliva de Carli

Município: Palotina

Projeto: Juvenil de Tilápia Vacinado

Autores: Renata Cavaliere Sanches e Valério Angelozzi

Município: Primeiro de Maio

Projeto: Sítio Vale do Mel – Agricultura e Pecuária Leiteira

Autora: Flávia Smulek

Município: Prudentópolis

Projeto: Implantação e Divisão de Pastagem no Sítio da Amizade

Autora: Debora Strada Bialeski

Município: Rio Azul

Projeto: Ampliação de viveiros para piscicultura

Autora: Aline Bonk

Município: União da Vitória

Otimista, mas com ressalvas

Cenário para suinocultura apresenta boas perspectivas, mas recessão e custos trazem incerteza para o produtor



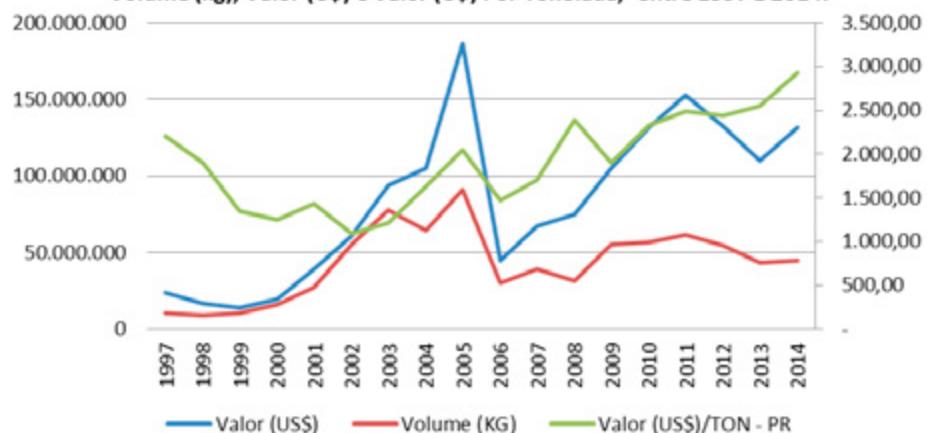
Produção em alta e ganhos inflados pelo câmbio e pelas exportações. Assim é o cenário traçado pelo Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP para a suinocultura paranaense em 2016. Um ambiente de negócios certamente bem positivo, mas não desprovido de alguma incerteza.

A tendência de perda do poder de compra do consumidor brasileiro, devido à recessão que o país está atravessando, é um dos fatores que pode interferir na demanda pelas carnes vermelhas e, por consequência, na renda do produtor. O outro fator negativo é a tendência de aumento dos custos de produção em função das altas dos insumos que são cotados em dólar. É o caso do farelo de soja, dos aditivos nutricionais e dos medicamentos, que já reduziram as margens do produtor no mês de outubro.

É, portanto, um cenário de otimismo, embora cercado de sombras. Os dados de 2015 já são um prenúncio do que virá pela frente. No primeiro semestre deste ano, as exportações de carne suína no Brasil somaram US\$ 701,7 milhões, com 283 milhões de quilos

do produto. Desse total, o Paraná exportou 31,9 milhões de quilos da carne, atingindo US\$ 78,6 milhões. O valor representa uma alta de 25,7% na comparação com o mesmo período do ano passado, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). É uma tendência histórica: entre 1997 e 2014, as exportações paranaenses elevaram-se de maneira consistente, e observou-se uma aguda tendência de crescimento na remuneração, conforme demonstra o gráfico.

Gráfico 4: Distribuição das Exportações de Carne Suína do Paraná em Volume (kg), Valor (US\$) e Valor (US\$) Por Tonelada, entre 1997 E 2014.



Fonte: Elaboração DTE/FAEP com dados do Agrosat

Preocupação agora é com os custos



Para 2016, a expectativa é de que a suinocultura continue nesse ritmo de crescimento, segundo estudo do médico-veterinário, Celso Doliveira, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. Além do comércio exterior, há uma razão interna para isso: diante dos atuais preços da carne bovina, os consumidores estão comprando mais suínos. O reflexo pode ser percebido no abate – de janeiro a julho foram abatidas 3,31 milhões de cabeças no Paraná, uma alta de 11,5% em relação ao mesmo período no ano passado.

De acordo com ele, a estimativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) é de que a produção de suínos cresça 2,6% em todo o país. Já o Departamento de Economia de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) aponta para uma taxa menor, a de 1,6%. Para o Paraná, a expectativa do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab) é que o setor cresça entre 3% e 7%.

Diante do atual cenário econômico e depois de sucessivas crises na atividade, os suinocultores estão preocupados com a alta nos custos de produção. Segundo Jacir José Dariva, presidente da Associação Paranaense de Suinocultores (APS), a alta do dólar já está comprometendo a renda do produtor, com o aumento dos preços dos insumos, como o farelo de soja e medicamentos, por exemplo. “A nossa cadeia já está sentindo os efeitos da crise”, avalia.

O analista de mercado Allan Maio

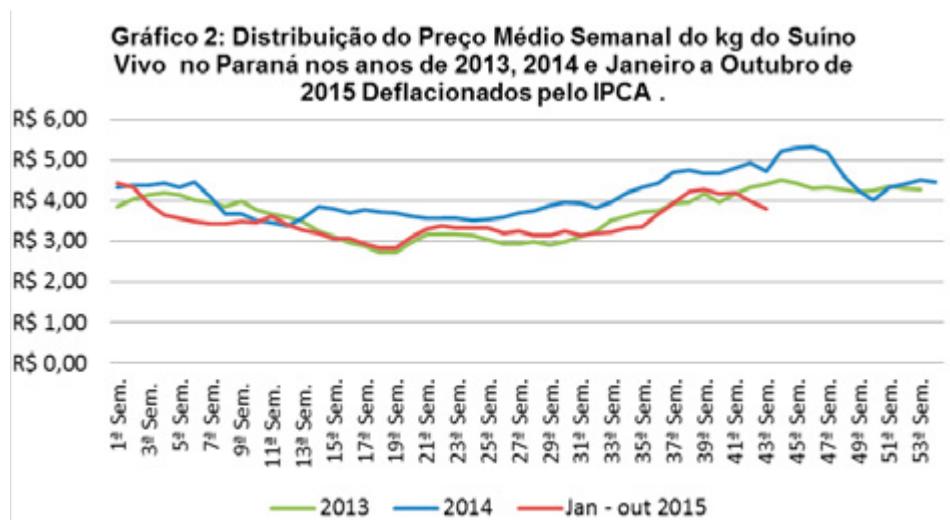
Alano, da consultoria Safras&Mercado, observa que, entre o dia 1º até o dia 10 de novembro, os preços do milho subiram 27% na comparação com o mesmo período do ano passado. Na avaliação dele, essa alta certamente vai ter impacto na atividade no Paraná. Por outro lado, a boa notícia é que, na avaliação dele, a tendência é de que as exportações continuem aquecidas. “Com o aumento das vendas ao exterior há menor oferta de carne suína no mercado interno, o que pode provocar melhores preços”.

Margem do produtor alcança 12%

De acordo com Doliveira, do DTE/FAEP, ao longo de 2014 os preços da carne suína indicaram um bom momento para os suinocultores paranaenses. “Depois de sucessivas

crises, isso trouxe um certo alívio aos produtores”, acrescenta. Entretanto, neste ano, o cenário mudou. Os valores no período de janeiro a outubro foram menores em relação ao mesmo período no ano passado. “Até agora os preços estão acompanhando os mesmos praticados em 2013, com tendência de baixa sinalizada nas últimas semanas.”

A tabela abaixo mostra a distribuição dos preços semanais do quilograma de suíno vivo pago ao produtor nos anos de 2013, 2014 e durante os 10 primeiros meses de 2015. Esses valores são deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com base em levantamento do Laboratório de Pesquisas Econômicas da Suinocultura da Universidade Federal do Paraná (Lapesui/UFPR).

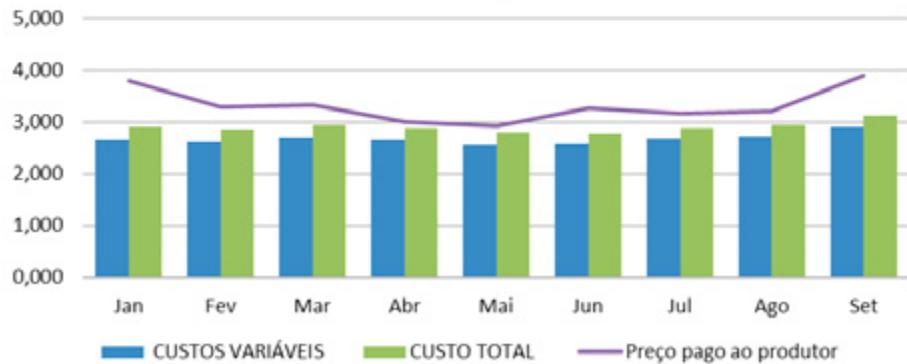


Fonte: Elaborado pela DTE/FAEP com dados do Lapesui/UFPR

Na comparação com os preços pagos ao produtor entre os dados da Lapesui/UFPR e dados de custo de produção da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o produtor está conseguindo remunerar seus custos de produção em 2015. Pelas contas de Doliveira, a margem de lucro está numa média de 12%.

Por outro lado, diante da alta do dólar, observou-se um aumento no custo dos insumos e uma redução de 10% nos preços pagos aos produtores em outubro de 2015. “A demanda normalmente aumenta nessa época do ano devido às festas de final de ano. Mas, nesse momento, os produtores estão preocupados com a atual situação econômica no país”, coloca Celso. O gráfico acima apresenta a dis-

Gráfico 3: Distribuição dos Custos Variável, Operacional e Total e os Preços Pagos ao Produtor de Janeiro a Setembro de 2015 em R\$/kg de PV.



Fonte: Elaborado DTE/FAEP com dados da EMBRAPA e Lapesui/UFPR

tribuição dos custos: variável, operacional e total. Além disso, saiba os preços pagos ao produtor entre janeiro e setembro de 2015, em reais por quilo de peso vivo (PV).

Mais crescimento, maiores ganhos

O levantamento de Celso Doliveira, do DTE, mostra que em 2015 as taxas de crescimento das exportações do Paraná superaram os índices de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, principais produtores nacionais. Na média brasileira e do Sul, o faturamento com o comércio exterior caiu; no Paraná ele cresceu, influenciada pelo expressivo aumento no volume, que equivale a mais que o dobro daquele registrado no Sul.



MAIS QUE A CONCORRÊNCIA

Quadro Comparativo das Exportações em Volume e Valor de janeiro a julho de 2014 e 2015 de Carne Suína do Paraná, Região Sul e Brasil e Respectivas Variações Percentuais

ANO	2014		2015		Variação	
	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Peso (Kg)	US\$
Região						
Brasil	835.521.268	274.742.824	701.713.288	283.013.735	2,90%	- 19,10%
Região Sul	616.266.616	209.304.560	579.484.142	232.563.281	10,00%	- 6,30%
Paraná	64.200.260	23.714.196	78.612.052	31.906.046	25,70%	18,30%



Paraná na liderança das carnes

O Paraná é o maior produtor de proteína animal do país, respondendo por 20% da produção nacional. No primeiro semestre de 2015, o Estado produziu 2,4 milhões de toneladas de carne, à frente de Santa Catarina, com 1,55 milhão de toneladas, e do Rio Grande do Sul, com 1,3 milhão de toneladas. Do total produzido pelo Estado, a maior parte vem da avicultura, com 1,95 milhão de toneladas no primeiro semestre, seguida pela suinocultura, com 331,5 mil toneladas, e pela bovinocultura, com 140,6 mil toneladas. Os dados são de um levantamento do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social (Ipardes) com base nos números de pesquisa de produção pecuária trimestral do IBGE, divulgada em setembro.

O PRA e os cartórios

Veja o que muda no relacionamento do produtor com o registro de imóveis



Carla Beck

Engenheira-agrônoma
do Departamento
Técnico Econômico

No dia 5 de novembro de 2015 foi implantado no Estado do Paraná o Programa de Regularização Ambiental (PRA) com a assinatura do Decreto Estadual nº 2711 que regulamenta a lei estadual nº 18295/2014, que implantou o Código Florestal no Paraná. Com isso, ganharam regulamentação os procedimentos de cartório de registro de imóveis rurais. Veja as novas regras:

No caso de termos de compromissos averbados

1) Os termos de compromisso que tenham sido firmados conforme exigências do antigo Código Florestal (Lei Federal nº 4.771/65)

e não cumpridos, deverão ser adequados à Nova Lei Florestal (Lei Federal nº 12.651/12) e caso averbados na matrícula do imóvel, ter a averbação substituída pela apresentação do protocolo de revisão do termo. Para obter o protocolo o produtor deverá realizar a inscrição no CAR e solicitar ao órgão ambiental a revisão do Termo.

2) O imóvel que tinha Reserva Legal (RL) ou Termo de Compromisso Averbado, mas sem cobertura florestal, poderá regularizar a RL junto ao CAR, requerendo ao cartório de registro de imóveis o cancelamento da situação anterior.

Averbação da Reserva Legal

O registro da RL no CAR desobriga a averbação no cartório de registro de imóveis. A averbação do número do CAR nas matrículas dos imóveis não é obrigatória.

1) As averbações de RL realizadas em percentual superior ao exigido pela nova legislação deverão ser adequadas a nova legislação e utilizadas para outras áreas com RL faltante. Por exemplo, no caso de

soma da Área de Preservação Permanente (APP) para formar a RL, num total de 20% sobrar área de vegetação nativa, após análise do órgão ambiental, essa vegetação poderá ser utilizada para outra área. Esse procedimento deve ser requerido pelo produtor rural e se em solicitação de urgência, o órgão ambiental terá 30 dias para analisar.

2) Nos casos de imóveis resultantes de desmembramento o imóvel com averbação regular e no qual a cobertura florestal seja fisicamente existente terão averbações nos registros de imóveis, em percentuais proporcionais a cada fração, podendo, por acordo expresso das partes, a área averbada permanecer em um só dos imóveis.

a) Exemplo: o produtor rural tinha uma área de 100 hectares com 20% de RL. Quando desmembrado em duas áreas de 50 ha e a RL física ficar 100% na propriedade A deve constar na averbação que ambas as partes concordam com a totalidade da reserva estar localizada na fração A. Nas duas matrículas isentando a propriedade B de qualquer necessidade de recomposição de RL. Salientando que os 20% são baseados na área total original do imóvel.

3) As propriedades com área de até quatro módulos fiscais que tenham averbado RL em áreas desprovidas de vegetação ou termos de compromisso nos moldes da Lei Federal nº 4.771/65 e que se enquadrem no perfil de dispensa de regeneração,

recomposição ou compensação de RL, depois de se inscreverem no CAR poderão requerer o cancelamento da averbação, após a análise do órgão ambiental, que se solicitado pelo produtor em regime de urgência o órgão ambiental terá trinta dias para analisar.

4) Com a apresentação do CAR ATIVO constando a compensação de RL efetivada em outra área, os cartórios de registro de imóveis promoverão o cancelamento na averbação da RL anterior, promovendo uma nova averbação.

Para os cartórios

O ato de registro das Escrituras Públicas pelo cartório de registro de imóveis não implicará em sua responsabilização pela veracidade das informações apresentadas no CAR, cuja responsabilidade é exclusiva do proprietário ou possuidor declarante.

Outro problema que foi resolvido com o decreto é que muitas vezes o produtor rural ao fazer o CAR dava uma diferença entre as informações prestadas no CAR e os dados da matrícula. Entretanto, agora isso ficou bem esclarecido no decreto que a diferença entre a área informada no CAR e as constantes na matrícula ou no georreferenciamento, não será considerada irregularidade.

Entenda o programa

A inscrição é condição necessária para que os imóveis possam aderir ao PRA, se adequando ao novo Código Florestal. O decreto estabelece as formas, prazos e procedimentos para regularização ambiental. Todas as propriedades rurais do estado do Paraná precisam fazer o Cadastro ambiental. O CAR é a porta de entrada a adequação ambiental.

Essa é uma oportunidade para aqueles produtores que assinaram Termos de Compromissos de acordo com antigo Código Florestal se adequarem a nova Legislação. Com o decreto nº 2711 é permitido a revisão dos termos antigos e adequação ao novo Código Florestal. Assim, o interessado deverá realizar o pedido de revisão do termo ao Órgão ambiental. Se ele não solicitar o pedido fica valendo o antigo termo assinado.

Ainda foram definidos os procedimentos de retificação, readequação, e realocação da reserva legal, que agora podem ser solicitados também.



Balanço do CAR no Paraná em outubro

Quem não preencher o CAR até 6 de maio de 2016 perderá o direito a todos os benefícios



Com menos 180 dias para o término do preenchimento do Cadastro Ambiental Rural (CAR) o número de imóveis cadastrados mensalmente vem diminuindo a cada mês. A FAEP alerta os produtores rurais que o prazo termina no dia 6 de maio de 2016. O produtor rural que não estiver cadastrado pode perder o direito a todos os benefícios para a consolidação de áreas da propriedade, como, por exemplo, não terá mais como obter licenciamento ambiental e a partir de 2017, não terá acesso ao crédito rural e linhas de financiamento.

Observando as oscilações de número do CAR efetuados no decorrer dos meses posteriores à prorrogação, nota-se uma acentuada queda. Entretanto, é de conheci-

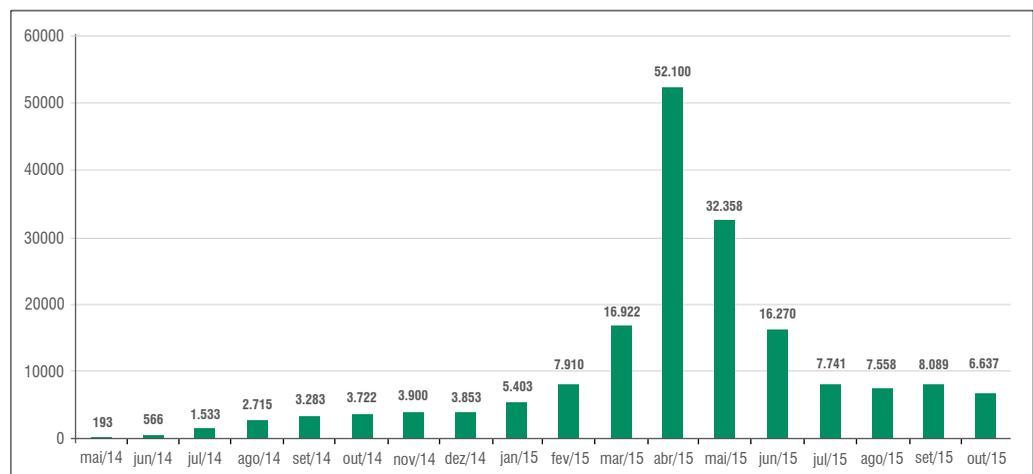
mento que muitos desses cadastros feitos no mês de abril foram erroneamente preenchidos, só para cumprir o prazo. Muito deles estão sendo retificados.

O Paraná continua em 4º lugar no ranking nacional, com 180.753 imóveis cadastrados – 33,9% dos imóveis rurais cadastrados com base na fonte do INCRA, que considera 532.840 propriedades rurais no Estado. Em área cadastrada, o Paraná está com 48,7%. Em primeiro lugar está Minas Gerais, seguido de São Paulo e Santa Catarina.

Dificuldades no Sicar

Neste mês a FAEP recebeu inúmeros telefonemas informando sobre a lentidão do sistema, que muitas vezes esteve fora do ar. Muitos sindicatos estão com dificuldade para acessar a central de comunicação para emissão de recibo. De fato, essas dificuldades foram constatadas e a FAEP formalizou ofício com todas essas demandas explicitando a necessidade de melhoras no sistema, uma vez que isso irá travar todas as inscrições.

NÚMERO DE CAR EFETUADOS POR MÊS NO PR



Total = 180.753 imóveis

Dados referentes ao período de 05/05/2014 a 31/10/2015

BB financia milho safrinha sem seguro agrícola

FAEP solicitou recursos para o seguro agrícola ao governo federal



O Banco do Brasil comunicou a FAEP que não existe nenhuma exigência do banco no Estado, que vincule a concessão do empréstimo para custeio de milho safrinha ao seguro agrícola.

Em função do fim dos recursos no programa federal para a subvenção ao prêmio do seguro rural e considerando o elevado custo para mitigação do risco, o banco determinou que a contratação do seguro agrícola foi vedada para as áreas de milho safrinha plantadas no Estado do Paraná. Assim, as agências do Banco do Brasil estão orientadas a contratar normalmente as operações, com cobertura de Proagro até o limite regulamentar. Para os valores excedentes, as garantias são negociadas conforme a capacidade e a tradição de cada produtor.

A FAEP recebeu reclamações de produtores que estavam com problemas de acesso ao crédito rural de custeio devido à exigência de garantias nas operações com o seguro agrícola. Com o

comunicado do Banco do Brasil, o problema de acesso ao crédito de custeio do milho safrinha está resolvido.

Porém, a FAEP solicitou ao governo federal que libere recursos para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, coordenado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), considerando que a cultura é de alto risco e os produtores não podem ficar expostos aos riscos climáticos sem a proteção do seguro agrícola, com risco de terem que renegociar dívidas em bancos e cooperativas em caso de adversidades climáticas. Nesse sentido, a FAEP encaminhou ofício em 5 de novembro para a Secretaria de Política Agrícola do MAPA, aos deputados da bancada paranaense e da Frente Parlamentar da Agricultura para que intercedam em favor do seguro agrícola do milho safrinha. Até o momento o MAPA não respondeu o pedido.

Páscoa de Mistérios

Em toda a sua vida, o almirante holandês Jakob Roggeven nunca vira nada semelhante – uma ilha que não figurava no mapa, no meio do Pacífico Sul, que parecia habitada por gigantes de dez metros de estatura. Estes pareciam estar de pé sobre muros imensos, semelhantes às sacadas de uma fortaleza descomunal.

Aproximando-se com os seus três navios, Roggeven verificou com alívio que os gigantes eram apenas estátuas, por entre as quais se moviam homens de tamanho absolutamente normal. No dia seguinte, ele desembarcou com um pequeno grupo e descobriu que as sacadas eram apenas os pedestais das estátuas, sobre cada um dos quais se erguia o busto de um homem de longas orelhas e rosto avermelhado. Como descobriu a ilha no dia da Páscoa de 1722, Roggeven denominou-a Ilha da Páscoa, e após isso prosseguiu sua viagem.

Quase 50 anos seriam passados antes que os europeus desembarcassem de novo na ilha, e outros 100 antes de se

dar início à exploração dela. A essa altura, as estátuas já não se erguiam como Roggeven as vira. Durante as guerras tribais elas haviam sido derrubadas e estavam no chão, onde ainda hoje se encontram.

As estátuas gigantescas haviam sido talhadas em rocha vulcânica, procedente da cratera adormecida do vulcão Rano Raraku. Mais de 300 tinham sido esculpidas nas paredes do vulcão, descidas ao longo de suas encostas e, por um processo ignorado, colocadas em pé sobre os pedestais.

Dentro da cratera havia cerca de 400 estátuas incompletas. Algumas apresentavam marcas leves de cinzel, enquanto outras se encontravam quase prontas para o transporte. Foram também achados na cratera machados e cinzéis de obsidiana, um tipo de rocha vulcânica, abandonados pelos antigos escultores. Pareciam ter sido abandonadas como se seus artífices tivessem a intenção um dia – algo que nunca fizeram. Ao longo do caminho que descia da cratera erguiam-se dezenas de es-



tátuas completas, uma a cada 50 metros, mais ou menos, em uma extensão a perder de vista. Algumas atingiam o peso de 30 toneladas e tinham quase quatro metros de altura. Uma escultura gigantesca incompleta media ainda cerca de 20 metros de altura e pesava aproximadamente 50 toneladas.

Algumas estátuas encontravam-se a quase 20 quilômetros da cratera, e até hoje os especialistas não têm certeza de como os antigos habitantes as transportavam até as bases. Poucos acreditam que elas eram roladas sobre troncos, porque a frágil ilha não teria árvores suficientes para tal tarefa. Cordas feitas de cipó também não suportariam obras de 30 toneladas – o peso aproximado de uma carreta de dois eixos, cheia.

Vestígios de antigas aldeias indicam que a população da Ilha de Páscoa chegava, antigamente, a algo entre 2 mil e 5 mil pessoas. Os desenhos descobertos permitem deduzir que seus habitantes se dividiam em duas classes sociais. Os homens de orelhas longas representados nas estátuas seriam,

possivelmente, os dirigentes – que usavam pesos para alongar os lóbulos –, enquanto os de orelhas curtas constituíam os subordinados.

Também os incas do período pré-colombiano usavam pesos semelhantes nas orelhas. Não obstante, os habitantes atuais da ilha apresentam maior afinidade com os polinésios, da Oceania, que com os povos da América do Sul.

A chave que permitiria desvendar os mistérios da Ilha de Páscoa foi, provavelmente, destruída por um traficante de escravos peruano. No fim do século XIX, ele capturou 1 mil nativos, entre eles o último rei e o feiticeiro da ilha. Ignora-se o que ocorreu com esses cativos. Possivelmente alguns regressaram, trazendo consigo as doenças que mataram o resto da população. Com a extinção dos indígenas, desapareceu a possibilidade de saber como um povo que vivia como se fosse a Idade da Pedra conseguiu construir um exército de monólitos.



Recorde na soja dos EUA

Com colheita quase encerrada, USDA aponta produção de 108,35 milhões de toneladas no país



Tânia Moreira

Economista do Departamento Técnico e Econômico

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou na quarta-feira (10) seu relatório de oferta e demanda

do mês de novembro. A colheita dos Estados Unidos se aproxima do fim, e a atenção do mercado passa para América do Sul, com o plantio evoluindo no Brasil e Argentina. Atualmente, os preços em Chicago variaram no último mês entre US\$ 8,70 a US\$ 9,00 por bushel (que equivalem entre R\$ 72,86 e R\$ 75,39 por saca), com recorde de produção nos Estados Unidos.

Para o milho, o percentual colhido atual é de 93% nos Estados Unidos, caracterizando o terceiro ano seguido de redução da área de milho, em favor da produção de soja.

Abaixo são detalhadas as estimativas do USDA para o mês de novembro.

SOJA - SAFRA 2015/16

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final	
	out/15	nov/15	out/15	nov/15	out/15	nov/15	out/15	nov/15
Mundo	320,49	321,02 ▲	310,47	312,33 ▲	126,77	129,08 ▲	85,14	82,86 ▼
Estados Unidos	105,81	108,35 ▲	54,69	55,06 ▲	45,59	46,68 ▲	11,56	12,65 ▲
Brasil	100,00	100,00 —	42,77	43,10 ▲	56,45	57,00 ▲	19,74	18,59 ▼
Argentina	57,00	57,00 —	46,60	42,77 ▼	9,75	10,75 ▲	32,90	30,30 ▼
China	11,60	11,50 ▼	91,70	93,20 ▲	0,20	0,20 —	16,15	16,58 ▲

Fonte: USDA. Elaboração: Departamento Téc. Econômico | FAEP - Novembro-15

O USDA elevou a estimativa de produção de soja de 105,81 para 108,35 milhões de toneladas, tornando a produção americana maior que na safra 2014/15 – um recorde na série histórica americana. O aumento de produção superou a expectativa do mercado, que aguardava um ajuste em torno de 106,2 milhões de toneladas.

Para o aumento de produção, contribuiu o aumento da produtividade, acima do esperado, passando de 53 para 54 sacas por hectare. Com isso, os estoques finais americanos cresceram de 11,56 para 12,65 milhões de toneladas.

O lado positivo do relatório de novembro foi a redução do estoque final mundial. A expectativa média para o estoque final era em torno de 85,32 milhões de toneladas. A demanda chinesa cresceu e houve aumento nas exportações brasileiras de 56,45 para 57,0 milhões de toneladas.

Porém, o tom negativo foi predominante para o mercado, que intensificou as perdas em Chicago após os dados. O contrato de janeiro-2016 perdeu 1,77%, ficando cotado a US\$ 8,50 por bushel.

MILHO - SAFRA 2015/16

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final	
	out/15	nov/15	out/15	nov/15	out/15	nov/15	out/15	nov/15
Mundo	972,6	974,87 ▲	980,79	971,16 ▼	121,93	119,26 ▼	187,63	211,91 ▲
Estados Unidos	344,31	346,82 ▲	302,40	301,13 ▼	46,99	45,72 ▼	39,66	44,70 ▲
Brasil	80,00	81,50 ▲	59,00	59,00 —	25,00	25,00 —	15,17	9,67 ▼
Argentina	24,00	25,60 ▲	10,00	10,00 —	14,50	16,00 ▲	1,02	1,12 ▲
China	225,00	225,00 —	219,00	214,00 ▼	0,05	0,05 —	90,61	114,44 ▲

Fonte: USDA. Elaboração: Departamento Téc. Econômico | FAEP - Novembro-15

No caso do milho, a produtividade americana foi elevada de 176 para 190 sacas por hectare, surpreendendo os investidores que apostavam em uma produtividade média de 189 sacas por hectare. A produção e os estoques finais também superaram as expectativas de mercado, sendo elevados acima do previsto.

O aumento do estoque final mundial foi a principal surpresa, passando para 211,91 milhões de toneladas, o que deu o tom pessimista em Chicago, com perdas acima de 2% após os dados de novembro.

O estoque final brasileiro reduziu, considerando menores estoques iniciais para 2015/16, ao mesmo tempo em que os estoques finais americanos cresceram, refletindo a piora no número das exportações dos Estados Unidos.

Antes da divulgação do relatório, os futuros do milho registravam perdas, que continuaram após a publicação dos dados. O futuro de janeiro-2016 perdeu 2,35%, fechando em US\$ 3,58 por bushel.

TRIGO - SAFRA 2015/16

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final	
	out/15	nov/15	out/15	nov/15	out/15	nov/15	out/15	nov/15
Mundo	732,79	732,98 ▲	716,41	717,37 ▲	160,58	160,41 ▼	228,49	227,3 ▼
Estados Unidos	55,84	55,84 —	33,18	33,18 —	23,13	21,77 ▼	23,43	24,79 ▲
Brasil	6,00	6,00 —	11,20	10,60 ▼	1,00	1,50 ▲	1,59	1,07 ▼
Argentina	10,50	10,50 —	6,15	6,15 —	5,00	5,00 —	2,56	2,56 —
União Européia	155,26	157,27 ▲	125,85	126,75 ▲	33,00	33,50 ▲	15,48	1.634,00 ▲

Fonte: USDA. Elaboração: Departamento Téc. Econômico | FAEP - Novembro-15

Para o trigo, o estoque final americano foi elevado de 23,43 para 24,79 milhões de toneladas, superando as expectativas médias de mercado que apontavam para algo em torno de 23,65 milhões de toneladas. As exportações americanas foram reduzidas, refletindo a dificuldade na competitividade do produto americano no comércio internacional.

Antes da divulgação do relatório os futuros do trigo já registravam perdas significativas devido ao quadro de ampla oferta global. Após os dados do USDA, o futuro de janeiro-2016 perdia 2,79%, cotado a US\$ 4,88 por bushel.

Com padrão internacional

Instrutores farão capacitação inédita com empresa certificadora na Europa e Estados Unidos



Nos dias 8, 9 e 10 de dezembro acontece em Curitiba, na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR uma capacitação inédita para instrutores na área de produção de olerícolas e frutas com a utilização de boas práticas agrícolas - alimento seguro e de qualidade. O curso vai disseminar o protocolo utilizado pela Global G.A.P. (sigla em inglês para boas práticas agrícolas), uma empresa europeia sem fins lucrativos, criada em 1997 e líder mundial em certificação e garantia de produção sustentável e segura.

Essencialmente a empresa atende as exigências dos consumidores em relação à forma como os alimentos são produzidos garantindo comercialização aos agricultores certificados, que adotam boas práticas agrícolas. Atualmente os protocolos de certificação Global G.A.P. estão presentes em mais de 123 países.

Os padrões utilizados pela Global G.A.P. atendem às exigências dos maiores e mais exigentes grupos de consumidores: os europeus, que estão preocupados, prioritariamente, com resídu-

os de agrotóxicos, e, dos norte-americanos que se preocupam muito com a presença de agentes microbiológicos nos alimentos. A Global G.A.P. produziu, e atualiza regularmente, um manual de Boas Práticas Agrícolas (BPA) válido em todo mundo. Esse protocolo abrange todas as áreas do agronegócio como a produção de vegetais, carnes, grãos e aquicultura (peixes e frutos do mar) - um dos setores que mais cresce no mundo e que não tem no Brasil nenhum produtor certificado.

Com essa capacitação o SENAR-PR vai unificar, a partir de 2016, o conteúdo do curso Trabalhadores agrícolas na olericultura - implantação de boas práticas agrícolas - alimento seguro e de qualidade. "Assim todo produtor que tiver sua propriedade aprovada nesse curso estará produzindo dentro das normas internacionais e automaticamente estará apto a exportar e fornecer para esses mercados", explica, Eduardo de Oliveira Gomes, gerente técnico do SENAR-PR.

Os europeus querem o Brasil



A capacitação será oferecida para 20 instrutores, sendo 10 do SENAR-PR e outros de outras instituições e Estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte. “Esse será um dos primeiros

workshops que vai utilizar a última versão atualizada do manual (V5), que incluiu o módulo sustentabilidade”, afirma o engenheiro-químico e consultor da Global G.A.P. no Brasil, Marco Giotto (foto).

Giotto explica que a iniciativa da Global G.A.P. de fazer este curso no Brasil surgiu do próprio mercado europeu, que pede a certificação de produtores de olerícolas brasileiros. “O agronegócio brasileiro evoluiu muito em algumas áreas como, por exemplo, o setor de carnes, mas nesse segmento estamos muito atrasados. Infelizmente, o Brasil é o país que aparece para os consumidores mais exigentes como o mais desestruturado nesse setor. Estamos atrás da Guatemala, Vietnã e Indonésia”.

A habilitação de produtores brasileiros é uma demanda que vem sendo solicitada pelos supermercadistas europeus à Global G.A.P. há pelo menos cinco anos. “Para os mercados consumidores a entrada do Brasil como potencial fornecedor internacional representa segurança em relação ao abastecimento, pois eles sabem que temos condições climáticas que facilitam a produção durante todo o ano”, argumenta o consultor.

Como surgiu a Global G.A.P.

A empresa surgiu da união de produtores rurais europeus e supermercadistas em 1997 como o nome de EurepGAP. A iniciativa era agrupar os produtores com os supermercados responsáveis pela comercialização. A solução foi harmonizar as regras e procedimentos e desenvolver um sistema de certificação independente de Boas Práticas Agrícolas (BPA).

Em 2007 a empresa foi renomeada para Global G.A.P. e hoje está presente em 123 países, com 150 mil produtores habilitados, sendo que 21% desse total são de agricultores individuais e 71% de associações. Frequentemente, o manual de boas práticas é atualizado de acordo com as novas demandas que surgem no mercado, tanto de produção como de consumo de alimentos.



Conheça o conteúdo do curso

- Segurança alimentar
- Saúde dos trabalhadores do ambiente (incluindo a biodiversidade)
- Rastreabilidade
- Segurança e bem-estar dos animais incluindo Integrated Crop • Management (ICM)
- Controle integrado de pragas (IPC)
- Sistema de gestão de qualidade (QMS)
- Análise de perigos e pontos críticos de controle (HACCP)

O padrão Global G.A.P. exige, entre outras coisas, maior eficiência na produção, melhora o desempenho do negócio e redução do desperdício de recursos naturais. Ele também sugere uma abordagem geral da agricultura, que se baseia em práticas recomendadas para as gerações futuras.

Sistema FAEP assina convênio de cooperação para fumicultores

De acordo com a Seab, existem no Paraná 45 mil famílias que trabalham na produção de tabaco



No último dia 27 de outubro, foi assinado, em Curitiba, na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, um convênio de cooperação para orientar os produtores de tabaco a plantarem milho e feijão após a colheita do fumo. Entre os benefícios apresentados pelas sete entidades participantes estão a diversificação de produção, que gera mais renda ao produtor; melhor aproveitamento da área e dos resíduos de fertilizantes que ficam no solo, gerando

menor custo de produção; e conservação de solo, com a rotação de cultura e proteção da terra. “As propriedades paranaenses são diversificadas e é essa característica que garante sustentação econômica ao produtor rural e fixa o homem no campo. O Sistema FAEP/SENAR-PR dará todo apoio a essa iniciativa”, comentou o presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette.

Também participam da assinatura do convênio: o presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais do Paraná (Fetaep), Ademir Muller; o secretário da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab), Norberto Ortigara; o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Benício Albano Werner; o presidente do Sindicato Interestadual da

Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke e o presidente de Câmaras Setoriais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Airton Artus.

De acordo com o SindiTabaco, no Brasil existem 164 mil famílias que trabalham na produção de tabaco no Brasil. A Seab informa que 45 mil famílias trabalham com a cultura no Estado.

Cursos do SENAR-PR

O SENAR-PR oferece um curso voltado à cultura do tabaco: Trabalhador no Cultivo de Fumo - manejo conservacionista de solo, com 16 horas de carga horária. A instituição mantém ainda parceria com a empresa Souza Cruz para oferecer o Programa SOL Rural – Segurança, Organização e Limpeza aos seus integrados. O trabalho em conjunto existe há oito anos e tem foco na qualidade. O

treinamento tem duração de 16 horas e inclui aulas teóricas e visitas de orientação às propriedades rurais, com o objetivo de aperfeiçoar as condições de trabalho e a melhoria da produção do fumo.

No período de 1º janeiro a 31 de outubro desse ano foram realizados 14 eventos com a participação de 256 concluintes. De acordo com a técnica do SENAR-PR responsável pelo programa, Marcia Gottardello, já existe demanda para a continuidade do programa em 2016.

A seca azedou o limão

Preços ao consumidor chegam a R\$ 10 em Curitiba. Produção paranaense é pequena



Quem não abre mão de uma saborosa limonada suíça ou de uma brasileiríssima caipirinha observou a alta do preço do limão tahiti, principalmente, nos supermercados da capital. O preço médio por quilo, de setembro a outubro, variava nas gôndolas os supermercados de Curitiba de R\$ 7,80 a 10,00 – um aumento significativo para um produto que tinha custo médio de R\$ 2,50 o quilo. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), o motivo é a velha lei de mercado – a escassez eleva o preço, mas a causa do problema é a seca que atinge, há três anos, o Estado de São Paulo, que é o maior produtor nacional.

No Paraná a área cultivada é considerada pequena pelo técnico Paulo Andrade, do Deral: 1.000 hectares, número quase insignificante se comparado aos 45 mil hectares do país todo. Desse total, São Paulo detém 23 mil hectares. “Estamos passando por um período de entressafra e o mercado deve se normalizar a partir de dezembro, quando começar a entrar a nova safra”, diz Andrade.

Em território paranaense, a região de Altônia é a maior produtora de limão, com oito mil toneladas/ano somando a produção de 15 produtores. Mas é no município de Andirá que está o maior produtor. Edson Gregório, 65 anos, produz em média por ano 875 toneladas com irrigação, que garante produção de dezembro a dezembro.

O produtor conta com o trabalho de dois dos três filhos – Jane, que é responsável pela parte administrativa e financeira da propriedade, e Gregório Junior, que atua diretamente no manejo

da lavoura de 41 hectares. Gregório começou a produção de limão há 20 anos e adotou o sistema de irrigação há dez. Além do limão, o produtor tem 12 tanques de piscicultura com pacu e tilápia e 4,5 hectares de abacate. “Comecei com o abacate há cinco anos para diversificar a produção e escapar dos altos e baixos do mercado, que é quem dita os preços”, conta.

A venda da produção do limão é feita pelo produtor diretamente na Ceasa de Curitiba. “Em busca de uma remuneração melhor do produto, classifico toda a produção. Em 2000 adquiri uma máquina que faz o polimento da fruta para melhorar a aparência e classificar por tamanho”, conta.

Curiosidades

- Nome Científico: *Citrus limonium*
- Citrus, em latim, quer dizer limão. Daí todas as frutas cítricas serem parentes etimológicas do limão. Isso mesmo, o limão é a mais cítrica das frutas da sua família: é o pai e a mãe de todas.
- As variedades de limão no Brasil mais comuns são tahiti, siciliano, galego e cravo.
- Milenar, a grande maioria dos frutos cítricos tem origem da Ásia, de regiões compreendidas entre a Índia e o sudeste do Himalaia. Lá ainda

é possível encontrar variedades silvestres – primitivas – de limoeiros.

- O limão chegou às Américas, junto com os primeiros conquistadores portugueses e espanhóis, no século XVI.
- Hoje, o Brasil é o segundo maior produtor mundial dessa fruta, especialmente do limão Tahiti, que é um fruto híbrido, resultante de uma enxertia da lima da Pérsia sobre o limão cravo (cavalo), motivo pelo qual não apresenta sementes.

Fonte: www.docelima.com.br produzido por Conceição Trucom, química, cientista e autora de sete livros entre eles “O Poder de cura do limão” (20ª edição mais de 300 mil exemplares).

Sem defensivos, um desastre

Caso o Brasil abolisse o uso de produtos químicos na lavoura, a produção poderia cair 80%



E se, de repente, a produção brasileira de grãos desabasse dos 210 milhões de toneladas previstos para este ano para algo entre 40 e 100 milhões de toneladas?

Com certeza sofreriam muito os agricultores e o país inteiro. Haveria desemprego: o setor agrícola emprega 13% da força de trabalho do país, e parte desse contingente certamente seria desmobilizado. Mundo afora, muita gente passaria dificuldades – afinal, o Brasil é o segundo maior fornecedor global de alimentos e produtos agrícolas, atrás apenas dos Estados Unidos, e deve assumir a liderança até 2024, de acordo com um relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentos e Agricultura (FAO).

Tudo isso aconteceria se o Brasil deixasse, da noite para o dia, de usar agrotóxicos em suas lavouras. E os danos tendem a ser maiores na sequência, pela proliferação de inimigos que hoje são controlados com o uso de produtos químicos. “Em cinco anos o desequilíbrio provocado seria muito grande, porque as pragas teriam uma capacidade de reprodução e domínio monstruosa”, diz

o professor Marco Gantonio Gandolfo, diretor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp), engenheiro-agrônomo e doutor em Agronomia, com pesquisas na área de pulverização agrícola. “Isso poderia inviabilizar a agricultura do Brasil em pouco tempo.”

De fato, o uso de produtos químicos na agricultura tem muitos inimigos, mas é difícil imaginar a produção no nível que temos hoje sem esse tipo de auxílio. Em especial no Brasil, onde o clima é especialmente favorável tanto à produção agrícola como à reprodução de agentes que podem causar danos às plantações. “Se formos comparar a produção agrícola brasileira com a norte-americana, que é referência para o mundo pelo potencial produtivo que eles têm e pela forma como eles exploram esse potencial, os Estados Unidos têm um período do ano onde tudo é gelo. Esse é um controle natural fantástico”, afirma Galdolfo. No Brasil isso não existe. Por isso, o uso desses produtos é indispensável.

O homem que salvou um bilhão de vidas

Sem eles, aliás, o mundo teria grandes dificuldades para obter alimentos. Os produtos químicos fazem parte de uma transformação na agricultura global, ocorrida a partir dos anos 1960. Se você tem 40 anos ou mais, pode puxar pela memória. No imaginário dos anos 1960 a 1980 havia duas grandes ameaças que pairavam sobre a humanidade: a guerra nuclear entre Estados Unidos e União Soviética e a falta de alimentos. Algumas vezes as duas ameaças andavam juntas, como na minissérie de tevê *Terceira Guerra Mundial*, de 1982, em que as escaramuças entre os dois lados começam por causa de um embargo à venda de grãos imposto pelos americanos. O fim do mundo, provocado pelas bombas e apressado pela falta de comida.

Hoje em dia, esses medos não passam mais pela cabeça de ninguém. As razões por trás disso estão na ampliação das fronteiras agrícolas e no aumento da produtividade, um movimento que tem tudo a ver com o uso – racional, é importante dizer – de produtos capazes de melhorar as condições de aproveitamento da terra. Foi a “revolução verde”, liderada pelo biólogo americano Norman Borlaug, que trabalhou no desenvolvimento de variedades adaptadas ao clima de países em desenvolvimento, na correção dos solos, no uso de fertilizantes e no controle de pragas. Borlaug é conhecido como “o homem que salvou um bilhão de vidas” e recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1970. Quando ele morreu, em 2009, o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, escreveu que Borlaug demonstrava que o intelecto, a persistência e a visão científica de um homem podem levar a humanidade à paz e ao progresso. No ano passado, quando foi celebrado o centenário de seu nascimento, o presidente americano Barack Obama o considerou um “modelo da inovação e engenhosidade”.

Esclarecer, não confundir

Borlaug não é mais tão popular hoje em dia. Os adversários de suas ideias dizem que elas induziram agricultores mundo afora a se tornarem dependentes de tecnologias caras. Uma pena, porque nunca o aumento de produção agrícola foi tão necessário quanto hoje.

As Nações Unidas estimam que a população do planeta atinja 9 bilhões de pessoas em 2050,

e um dos grandes desafios do momento é produzir alimentos para toda essa gente. Ainda mais que, nas últimas décadas, diversos países conseguiram tirar uma parte substancial de sua população da pobreza. Essa gente hoje se alimenta melhor, o que elevou a demanda por alimentos.

Não dá para dizer, entretanto, que o uso de produtos químicos na agricultura seja perfeito. Houve muito avanço nos últimos anos, mas ainda há aplicações mal feitas ou excessivas. “Hoje as pesquisas em tecnologia que o Brasil tem desenvolvido estão voltadas para a redução de perdas. O histórico de deriva, de contaminação, de perda de produção de áreas vizinhas, de contaminação de rios, isso precisa ser corrigido”, diz o professor Gandolfo.

O produto químico, portanto, é ferramenta, não inimigo. “Muito do que se diz sobre agrotóxicos é mentira e prejudica o debate saudável e necessário sobre o tema”, escreveu em artigo o engenheiro agrônomo Alfredo José Barreto Luiz, pós-doutor em Ciências da Terra e pesquisador da Embrapa Meio Ambiente, em Jaguariúna (SP). “Devemos esclarecer o assunto, não confundi-lo.”



Gandolfo, da Uenp: sem defensivos, a agricultura brasileira seria inviável

Novas regras para conservação

Portaria da Adapar acata sugestões feitas pela FAEP



A Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) aceitou as alterações sugeridas pela FAEP na portaria 272, de 23 de dezembro de 2014, que dispõe sobre a fiscalização do cumprimento da legislação paranaense de preservação do solo agrícola pelo seu uso adequado em cumprimento à Lei Estadual nº 8.014/84.

As alterações, sugeridas pela FAEP e consideradas pertinentes pela Adapar e que estão contempladas no Anexo 02 – Itens Mínimos do Planejamento Conservacionista de Solos e Água são:

Mapa: a versão atual da portaria contempla a solicitação de mapas, mas nesse contexto possibilita diferentes interpretações do significado de mapa. A proposta de alteração da portaria é que seja evidenciado que o objetivo dessa exigência é projetar a obra conservacionista, podendo ser utilizado croqui, mapa ou imagens de satélites, não limitando a mapas.

Capacidade de uso: Atualmente a portaria utiliza o conceito de capacidade de uso. A proposta é utilizar o termo aptidão agrícola, que é um sistema de avaliação da adaptabilidade da terra para diversos usos. Nesse sistema, as classes de aptidão são determinadas em função de usos gerais e sistema de manejo. Com a alteração, esse conceito se adapta à legislação ambiental, que considera continuidade de atividades em áreas consolidadas com técnicas de conservação de solo e água. – Lei 12651/2012 em áreas consolidadas (artigo 3º).

Área de imóvel rural com ocupação antrópica preexistente a 22 de julho de 2008, com edificações, benfeitorias ou atividades agrossilvipastoris, admitida, neste último caso, a adoção do regime de pouso.

Classificação do solo: A portaria atual nesse item contempla Classificação de solo até o terceiro nível onde são relacionadas

as características das classes de solo e as implicações para uso e manejo relacionado à fertilidade. Foi solicitado a classificação dos solos até o 2º nível, excluindo assim o 3º nível. Dessa forma, não será necessário realizar amostragem e análise de solo para embasar a classificação até o 3º nível, agilizando a elaboração do projeto, com a possibilidade de manter o prazo limite de 30 dias estabelecido na portaria desde a notificação até a entrega do PCSA.

A necessidade de se rediscutir a Portaria 272/2014 da Adapar nasceu no estudo do item elaboração do projeto de "Planejamento Conservacionista de Solos e Água durante o treinamento piloto realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR com 20 técnicos com habilitação para elaboração e execução de projetos de uso, manejo e conservação do solo agrícola, atendendo solicitação da Adapar.

A capacitação foi para aperfeiçoar o conhecimento dos participantes em solos através dos itens mínimos necessários para elaboração do Planejamento Conservacionista de Solos e Água (PCSA), obedecendo a Portaria 272/2014 da ADAPAR. O documento é resultado da constatação de falta de profissionais habilitados para cumprir as exigências técnicas impostas pela portaria.

O que diz a portaria:

Em caso de notificação por uso inadequado do solo agrícola, o produtor tem 30 dias para apresentar um laudo técnico-firmado por profissionais habilitado, obedecendo aos itens mínimos estabelecidos na portaria, acompanhado de ART, devidamente baixada no CREA, atestando que na área objeto da notificação a deterioração do solo agrícola foi sanada.

O prazo pode ser prorrogado por igual período mediante a justificativa técnica. Quando o problema for maior é preciso um Planejamento Conservacionista de Solos (PCS) que deverá enquadrar o uso do solo agrícola conforme a aptidão constando de diagnóstico da situação e plano técnico acompanhado de cronograma de execução das obras e práticas conservacionistas observando os requisitos mínimos da portaria.



Adoção de práticas de manejo de formigas cortadeiras é obrigatória

A Adapar publicou a portaria 212 no dia 29 de outubro determinando a obrigatoriedade da adoção de práticas de manejo de formigas cortadeiras.

Em caso de infestação, o produtor rural terá 20 dias, não prorrogável, para apresentar o Plano de Manejo de Formigas Cortadeiras (PMFC) que tem que ser feito por profissionais que têm habilitação junto ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA-PR).

O Plano de Manejo deve abranger o planejamento, a execução e o acompanhamento das obras ou práticas. Caso, não apresente o PMFC o produtor será autuado.

Capacitação

Em outubro, o SENAR-PR realizou um curso piloto no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand para 25 profissionais que têm habilitação junto ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA-PR). O diferencial dessa capacitação foi habilitar o participante a elaborar o PMFC, atendendo a exigência da Adapar.

A capacitação faz parte das ações do Grupo de Trabalho Manejo de Formigas Cortadeiras do Programa Plante seu Futuro. Entre os conteúdos abordados no curso, foram apresentadas quatro tipos de aplicações de agrotóxicos: iscas formicidas, que são as mais baratas (em torno de R\$ 10 o quilo); pulverização com agroquímico líquido, que só é permitida para plantações de cana-de-açúcar; termonebulização, indicada para grandes áreas, ou associações de produtores e cooperativas; e pó seco.

Pesquisador cria irrigador alternativo

O equipamento tem chamado atenção dos produtores. O site da Embrapa já recebeu mais de 27 mil visitas em busca de mais informações



O físico e pesquisador da Embrapa Instrumentação São Carlos, Washington Luiz de Barros Melo, desde os anos 90 se preocupa com a escassez da água e por isso defende o seu uso racional da água. Durante suas férias, idealizou um modelo de irrigador automático, que não usa eletricidade e ainda pode ser feito com materiais usados. O protótipo foi lançado em julho desse ano e pode ajudar pequenos produtores e jardineiros a manter os canteiros irrigados automaticamente pelo método de gotejamento.

A tecnologia é bastante simples e tem chamado à atenção dos produtores. De acordo com o pesquisador, o Irrigador Solar é a tecnologia mais acessada no portal da Embrapa, com registro de mais de 27 mil acessos. O invento tem como base um princípio simples da termodinâmica: o ar se expande quando aquecido.

“No primeiro modelo utilizei uma bexiga preta, dessas que usam em festas de criança, para colocar em prática o princípio. Mas aperfeiçoei o modelo para que os materiais tivessem mais resistência, substituindo a bexiga por uma garrafa pet pintada de preta. É ela que capta a luz solar, aquece e empurra a água como uma bomba para as mangueiras de irrigação”, explica.

O irrigador funciona com uma garrafa de material rígido, pintada de preto e ligada a outra garrafa, que contém água. Quando o sol incide sobre a garrafa escura, o calor aquece e expande o ar em seu interior, que empurra a água do segundo recipiente e a expulsa por uma mangueira fina, para gotejar no canteiro.

“Funciona tão bem que, se você sombrear a garrafa, o gotejamento para, e, ao deixar o sol bater novamente, a água volta a gotejar”, afirma o pesquisador, que apresentou sua invenção na 67ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O evento ocorreu em julho desse ano na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Paulo.

Econômico, ecológico e versátil

O pesquisador enumera as vantagens do irrigador caseiro: é um sistema automático sem fotocélulas; não demanda eletricidade; depende apenas da luz solar o que torna sua operação extremamente econômica; promove economia de água, pois utiliza o método de gotejamento para irrigar, o que evita o desperdício do recurso. “Além disso, é possível construí-lo com objetos que seriam jogados no lixo, como garrafas e recipientes de plástico, metal ou vidro”, lembra o especialista.

A versatilidade do equipamento também é grande. A intensidade do gotejamento pode ser regulada por meio da altura do gotejador e o produtor pode colocar nutrientes ou outros insumos na água do reservatório para otimizar a irrigação.

O pesquisador orienta que o produtor seja atencioso na hora de fazer a vedação. Para o funcionamento do sistema é necessário que as três primeiras garrafas estejam fechadas hermeticamente. “Isso pode ser obtido com adesivos plásticos, do tipo Araldite, mas exige uma aplicação minuciosa”, alerta.

Melo sugere algumas adaptações ao modelo para facilitar a vida do produtor: substituir a garrafa que armazena água por um tambor de maiores dimensões; aumentar a bitola dos tubos de passagem para uma mangueira de 10 milímetros para facilitar o fluxo de água e substituir o alumínio do suporte por madeira, material mais fácil de ser encontrado na propriedade.

Projeto de paranaense é destaque em Nova Iorque

Estudante de Cafeara desenvolveu acessório para reduzir as perdas na colheita de milho

Por Hemely Cardoso



Valéria demonstra seu projeto

Nas últimas semanas, a estudante Valéria Turozi Lazaretti, da pequena Cafeara (2.695 habitantes), região Norte do Paraná, atraiu os holofotes da mídia nacional. O projeto da jovem de 20 anos foi destaque durante a II Conferência Internacional sobre Segurança Alimentar da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York, entre os dias 11 e 14 de outubro. Valéria desenvolveu uma peça feita de lona e borracha para reduzir a perda de espigas de milho no processo de colheita. Com um custo de R\$ 200,00, o produto, que é acoplado na plataforma da colheitadeira, resultou numa economia de 14 sacas do cereal por 2,4 hectares.

Ao longo de seis meses, com a ajuda do pai, Heverson Lazaretti, a estudante do curso de tecnologia em Agronegócio da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), em Presidente Prudente (SP), desenvolveu o projeto “Apanhador de Espigas para Reduzir as Perdas na Plataforma de Milho”. O estudo foi orientado pelo professor doutor Alexandre Godinho Bertonecello, que representou a universidade no evento nos Estados Unidos.

Surpresa, Valéria não imaginava que a sua ideia iria ser apresentada durante uma conferência internacional. De acordo com ela, o projeto nasceu no sítio da família, de 16,8 hectares em Cafeara.

“Durante a colheita, as espigas que se desprendiam da planta antecipadamente e caíam para frente da plataforma, resultando em perdas. Diante desse problema, com a ajuda do meu pai, desenvolvi essa peça que é encaixada na plataforma para segurar essas espigas que se perdiam no chão”, relatou a estudante.

Segundo ela, depois que o produto foi instalado na plataforma, o resultado da colheita saltou de 178 para 192 sacas. Pelas contas de Valéria, a receita passou de R\$ 3.916,00 para R\$ 4.224,00 numa área de 2,4 hectares. “Diante das mudanças climáticas, em que cada vez está mais difícil produzir temos que buscar soluções que façam a diferença quando se trata da produção de alimentos”, justificou.

A peça desenvolvida e testada é feita especialmente para a plataforma da marca New Holland, modelo BM5, ano 2005. Porém, a universitária pretende desenvolver outros tipos para o atendimento de diferentes modelos e marcas de plataforma. “Nossa pesquisa foi desenvolvida para as colheitadeiras mais antigas, que ainda não contam com auxílios de diminuição de perdas da plataforma, atendendo e beneficiando assim o agricultor familiar, ou seja, os pequenos e médios produtores. Se bem fixada e preservada na plataforma pode ter uma vida útil de até cinco safras”, comentou Valéria. De acordo com ela, o produto está em processo de patente para comercialização.



SEMINÁRIO MERCADO DE GRÃOS

Venha debater com especialistas as
tendências do mercado de grãos



Londrina, 26 de novembro (quinta-feira) das 14h às 17h30

Auditório Milton Alcover - Parque de Exposições Governador Ney Braga
(Av. Tiradentes, nº 6275 – Jardim Rosicler)

PROGRAMAÇÃO

14h00	Abertura Narciso Pissinati (Presidente do Sindicato Rural de Londrina)
14h15	Custo de Produção Agrícola no Paraná Mauro Osaki (Pesquisador CEPEA/ESALQ/USP)
15h10	Técnicas de manejo de plantas daninhas: Buva e capim amargoso Dionísio Luiz Pisa Gazziero (Embrapa Soja)
15h50	Cenário e Perspectivas do mercado de grãos Paulo Roberto Molinari (Safra & Mercados)
16h45	Perguntas
17h30	Coffee break de encerramento

Público-alvo: produtores rurais, agrônomos, estudantes,
profissionais de cooperativas, agroindústrias e bancos

ENTRADA FRANCA

Maiores informações:

Sindicato Rural de Londrina (43) 3374-0300 ou economico@faep.com.br

PROMOÇÃO



Mercado reaberto

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) anunciou no dia 9 o fim do embargo da Arábia Saudita à importação de carne bovina in natura do Brasil. O embargo começou em 2012, depois de um caso atípico da doença encefalopatia espongiforme bovina, conhecida como o mal da vaca louca. A medida foi oficializada em Riad, capital daquele país, em encontro que reuniu representantes dos dois governos.

Com a abertura, o setor estima que o Brasil tem potencial para exportar 50 mil toneladas de carne bovina ao ano, com valor estimado em US\$ 170 milhões. O fim do embargo sinaliza abertura também para os demais países do Golfo Pérsico. Somente a Arábia Saudita comprou, em 2014, US\$ 355 milhões do produto, o que equivale a quase 100 mil toneladas. O valor representa 10% de tudo o que o Brasil exporta em carne bovina. “Dependemos dos alimentos de vocês, precisamos de vocês. A abertura do mercado de carnes é boa para o Brasil, mas também é muito boa para a Arábia e para nossa população”, disse Mohammed Al-Meshal, presidente da Autoridade Saudita para Alimentos e Medicamentos. O Brasil já é o maior fornecedor de frango, café e açúcar para a Arábia Saudita.

Das arábias

Com a reabertura do mercado, Brasil pode retomar exportações para o reino dos sauditas. (Valores em US\$ mil)

Período	Exportações brasileiras	Exportações paranaenses
01/2010 até 12/2010	121.730,7	447,1
01/2011 até 12/2011	129.546,0	459,2
01/2012 até 12/2012	153.054,4	948,7
01/2013 até 12/2013	203,0	0,0
01/2014 até 12/2014	271,9	0,0
01/2015 até 10/2015	0,0	0,0

Fonte: Secex

ERRATA

“As coisas que ligam o campo e a cidade e nosso papel para melhorar o mundo” foi o tema do Concurso Agrinho 2015. “O campo e a cidade unidos pela mesma energia” foi o tema trabalhado na ambientação do evento de premiação do concurso.

A mistura dos temas na matéria da página 3 do Boletim 1324 gerou dúvidas em alguns leitores, como a instrutora Ednilza Godoy Vieira, que acabou sendo indagada por algumas professoras.

Frente parlamentar para o leite



Foi lançada oficialmente na quarta-feira (11), no Plenarinho da Assembleia Legislativa, a Frente Parlamentar de Apoio à Cadeia Produtiva do Leite, que será coordenada pelo deputado Wilmar Reichembach (PSC). O objetivo do grupo de trabalho, que será constituído inicialmente por 14 deputados, é dar força política aos produtores e entidades ligadas ao setor para potencializar as ações de desenvolvimento do segmento. Além do deputado Reichembach, também fazem parte da Frente o presidente do Legislativo estadual, Ademar Traiano, e os deputados Alexandre Guimarães (PSC), Cláudio Palozzi (PSC), Élio Rusch (DEM), Márcio Nunes (PSC), Paulo Litro (PSDB), Pedro Lupion (DEM), Professor Lemos (PT), Hussein Bakri (PSC), Nelson Luersen (PDT), Schiavinato (PP), Anibelli Neto (PMDB) e Guto Silva (PSC). O representante da FAEP no evento foi o assessor Ronei Volpi.

Próximas eleições

A FAEP, com o objetivo de apoiar o bom funcionamento dos sindicatos rurais, promove periodicamente capacitações para os funcionários sobre os procedimentos burocráticos que envolvem o processo eleitoral. No último dia 11 de novembro, aconteceu em Curitiba, no Hotel San Juan, um treinamento com carga horária de oito horas, para 22 funcionários dos sindicatos que farão eleições nos próximos meses. Os palestrantes foram o advogado Eleutério Czornei e Daniele Viola Vicentini, do Departamento Sindical. Esse foi terceiro grupo do ano a receber esse treinamento.



CARTA

Saudades do Hélio

Tenho em mãos o Boletim da FAEP, que há tempos leio por deleite e dever de ofício. Passei a gostar deste bem cuidado, bem editado informativo. Para minha surpresa, encontro na página 10 uma matéria assinada pela jornalista Cynthia Calderon: “Adeus, Companheiro”. Foi um choque. Era sobre o meu amigo Hélio Teixeira, “que partiu vencido por complicações pulmonares”.

Algumas lembranças me vieram à mente, uma delas de um almoço no restaurante do Senado Federal no final dos anos 80. Foi quando o conheci pessoalmente. Na época, ele assessorava o senador José Richa. Fui apresentado ao Hélio pelo saudoso Dr. Ignácio Mammana, que eu assessorava na presidência da antiga Companhia de Financiamento da Produção (CFP).

Era desejo do Dr. Mammana que, juntos, trabalhássemos a candidatura do senador Richa ou de Mário Covas (ambos tucanos) – “o que deslanchasse perante a opinião pública”. A partir daí, passava regularmente para o Hélio uma análise de mídia: tudo que saía nos jornais e revistas, contra ou a favor do “Turco” e do “Zuza”. Sonhamos juntos.

Ele partiu. Agora, o estimado Hélio Teixeira é uma saudade que incorporo ao meu viver, mas lembro aqui o autor do Pequeno Príncipe, Antoine de Saint-Exupéry: “Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

Cordialmente,

Tito Matos

Assessor de imprensa da frente Parlamentar da Agropecuária

Bituruna**Erva-mate**

O Sindicato Rural de Bituruna realizou nos dias 15 a 18 de setembro três cursos de Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais - erva-mate, nas áreas de adubação, tratos culturais e podas; pragas e doenças; e produção da erva-mate. Participaram dez agricultores com o instrutor Luiz Carniel.

Cianorte**Posse**

No dia 2 de outubro o Sindicato Rural de Cianorte aconteceu a cerimônia de posse da diretoria. Estavam presentes: o prefeito de Cianorte, Claudemir Romero Bongiorno; o diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia; o presidente do Núcleo dos Sindicatos Rurais Entre Rios, Mar Sakashita. Foram eleitos: Domingos Vela, presidente; Leonardo Zanata vice-presidente; José Anizelli Neto tesoureiro e Edmar Sergio Vela secretário.

São Mateus do Sul**Frutas e hortaliças**

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou, em sua extensão de base Antônio Olinto, nos dias 7 e 8 outubro, o curso Produção Artesanal de Alimentos - conservação de frutas e hortaliças - compotas e frutas desidratadas. O curso foi realizado em parceria com o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do município. Participaram 12 produtoras rurais com o instrutor Joelma Kapp.

Ibaiti**Plantio direto**

O Sindicato Rural de Ibaiti realizou o curso de Trabalhador no Cultivo de Grãos e Oleaginosas - plantio direto - mecanização para Sistema de Plantio Direto. Participaram dez produtores rurais com o instrutor Dácio Benassi.

Ribeirão do Pinhal



Inauguração

Em sessão solene no dia 19 de setembro o Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal inaugurou o auditório que leva o nome do homenageado Ernesto Hauer Junior, ilustre ruralista, com longa trajetória de realizações no município. Entre elas a criação da Associação Rural em 11/10/1953, da qual veio a se tornar presidente em 1966. No ano seguinte por força de Lei Federal, a associação passou a ser reconhecida como sindicato rural, Órgão Sindical de 1º Grau. Ernesto foi o primeiro presidente eleito e ocupou a presidência por 14 anos intercalados.

Cianorte



Primeiros Socorros

Nos dias 8 e 9 de outubro o Sindicato Rural de Cianorte realizou o curso de Trabalhador na Segurança do Trabalho – primeiros socorros. Participaram dez produtores rurais com o instrutor Fernando Jodas Gonçalves.

Juranda



Posse

No dia 16 de abril foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Juranda. Foram eleitos: Benjamim Mendes da Cruz Neto como presidente; Tereza Patek Roman vice-presidente; Flavio Bastoski e Nilton Luiz de Melo como secretários e Amilton Molina Pizzoli e André Molina Pizzoli como tesoureiros.

Tibagi



Primeiros Socorros

O Sindicato Rural de Tibagi, em parceria com a Comunidade de Alto do Amparo, realizou nos dias 13 e 14 de outubro o curso de Trabalhador na Segurança de Trabalho - primeiros socorros. Participaram 11 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Fernando Jodas Gonçalves.



Comendo ar

Cerca de 25% do volume de uma maçã é formado por ar – pequenas bolhas entre camadas de tecido da planta. Por isso ela faz um barulho “crocante” quando é mordida: são esses colchões de ar estourando.

Pobre totó!

Certo dia, João levantou bem cedo e levou seu cachorro, um pastor alemão, ao veterinário. E pediu ao doutor que cortasse o rabo do bichinho – quanto mais curto, melhor. O veterinário não aceitou. Disse que há raças que têm rabo cortado, como os pinscher, mas não era o caso do animal em questão. O homem insistiu, insistiu, e o veterinário, curioso, perguntou por que ele queria tanto mutilar o bichinho.

— É que a minha sogra vem passar uns dias lá em casa
— explicou - e eu não quero nenhuma manifestação de alegria!



A dança das horas

O ballet é uma arte antiga, que teve origem na Itália há mais de 500 anos.

Era apreciado pelos nobres junto com a declamação de poesias e mímica, e sempre vinha acompanhado de belos cenários e trajes. Os bailados para celebrar ocasiões como casamentos e vitórias em guerras eram grandes ocasiões nas cortes. Um dos mais famosos espetáculos dessa época foi o Ballet Cômico da Rainha, encenado no Margarite, irmã da rainha Louise (casada com o rei Henrique III da França), que durava quase seis horas. Poucos ballets dessa época, entretanto, batem a performance estrelada por Luís XIV. Seu apelido de Rei Sol se deve ao seu papel como Apolo – deus grego que conduzia o sol – em um bailado que durou 12 horas!



Procura-se moradores

Que tal morar em uma ilha tropical no Pacífico, com educação e assistência médica de graça, terreno de presente para levantar sua casa e uma mesada paga pelo governo por cada criança? Tudo isso faz parte do programa de repopulação das Ilhas Pitcairn, uma colônia britânica que conta apenas 56 habitantes. O programa existe desde 2013, mas até agora ninguém aceitou mudar-se para lá. Talvez por medo de viver no meio do nada: Pitcairn fica no Pacífico, e as cidades mais próximas estão na Nova Zelândia, a 5.500 quilômetros de distância. Ficou interessado? O site do governo local é o www.government.pn. Está em inglês.



Fantasma na China

Nas últimas décadas, o governo chinês tem construído grandes cidades, com prédios, ruas e praças, para serem ocupadas por trabalhadores que vivem apertados nas metrópoles do país. O problema é que a maioria não está disposta a trocar de cidade, o que faz com que surjam enormes estruturas quase desertas – as cidades-fantasma da modernidade. Um estudo recente apontou a existência de pelo menos 20 delas. A maior chama-se Kangbashi e foi construída perto das minas de carvão de Ordos, na Mongólia Interior.



Hora do descanso

Na hora de descansar, capivara, patos e jabutis dividem o mesmo espaço.

Foto enviada pelo leitor Edgard Alberto Piotto, de Londrina.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail:

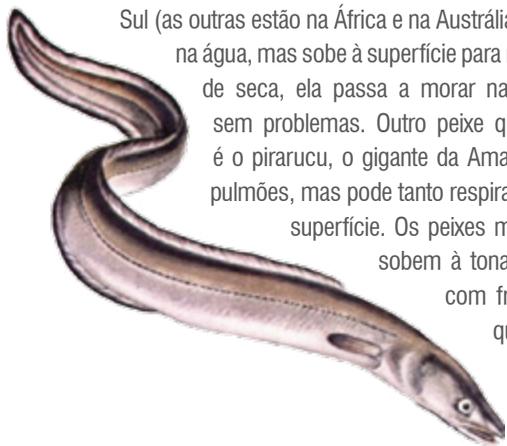
imprensa@faep.com.br

Peixes afogados

Você sabia que existem peixes que podem morrer... afogados?

Pois isso acontece com algumas espécies brasileiras, inclusive. Um deles é a piramboia, nativa das bacias do Amazonas e do Prata – ocorre no Paraná, portanto. A piramboia é uma das seis espécies de peixes pulmonados existentes no mundo e a única presente na América do Sul (as outras estão na África e na Austrália). A piramboia vive

na água, mas sobe à superfície para respirar. Em épocas de seca, ela passa a morar na lama e sobrevive sem problemas. Outro peixe que pode se afogar é o pirarucu, o gigante da Amazônia. Ele não tem pulmões, mas pode tanto respirar na água como na superfície. Os peixes mais jovens sempre sobem à tona para respirar – e, com frequência, é assim que são pescados.



Quem dá esse nome?

Ao contrário do que se costuma dizer, o filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock, não foi batizado de “O Filho que era Mãe” em Portugal – lá, ele passou como *Psico*. Mas há muita diferença no nome de alguns filmes nos dois países. Veja algumas amostras, e decida quem é pior em dar nomes, brasileiros ou portugueses.

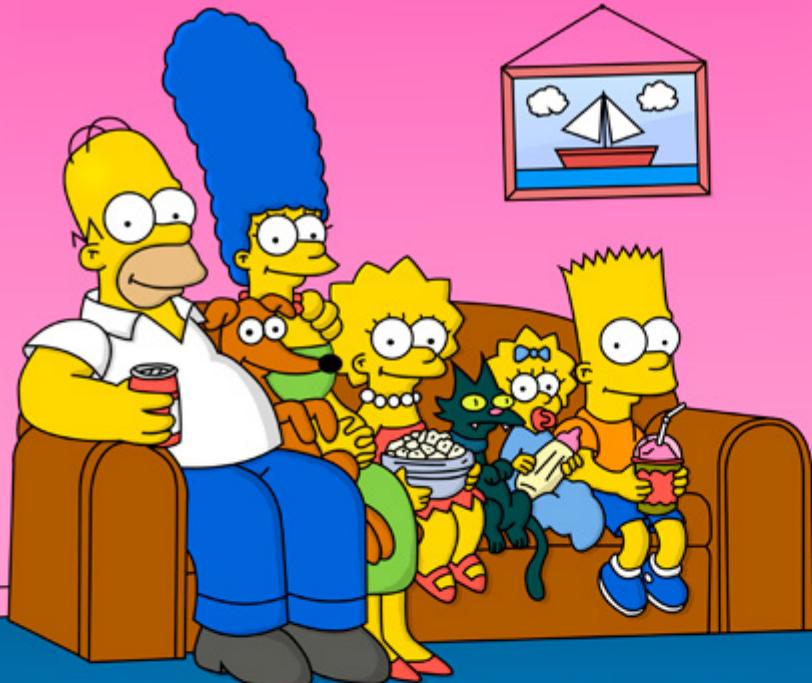
Título original	Ano	Título brasileiro	Título português
Hign Noon	1952	Matar ou morrer	O comboio apitou três vezes
Shane	1953	Os brutos também amam	Shane
Vertigo	1958	Um corpo que cai	A mulher que viveu duas vezes
Dan in real life	2007	Eu, meu irmão e nossa namorada	O amor e a vida real
Ferris Bueller's day off	1986	Curtindo a vida adoidado	O rei dos gazeteiros

Morte na panela

O consumo de cogumelos venenosos era uma causa relativamente frequente de morte na Europa e na Ásia de séculos passados – tanto por acidente ou em casos de envenenamento criminoso. Veja uma lista de personalidades que, supostamente, morreram depois de comer cogumelos venenosos:

- Papa Clemente VII
- Cláudio, imperador romano
- Carlos VI, imperador do Sacro Império Romano Germânico





LEVANTA DAÍ!

Um grande número de pesquisas comprova que sentar por longas horas faz mal à saúde – sim, exatamente o que pessoas que trabalham em escritório fazem todos os dias. Confira quais são os problemas que você pode desenvolver por passar muito tempo sentado.

• DOENÇAS CRÔNICAS

Uma pesquisa de fevereiro de 2013, com 63.048 homens de meia idade da Austrália, mostrou que aqueles que se sentavam por quatro horas ou mais eram mais suscetíveis a desenvolver doenças crônicas, como pressão alta, doenças do coração e câncer. Aqueles que ficam sentados por pelo menos 6 horas eram ainda mais propensos a desenvolver diabetes.

• REDUÇÃO NA EXPECTATIVA DE VIDA

Para se ter uma ideia, reduzindo o tempo sentado três horas por dia, a expectativa de vida pode aumentar em dois anos. Um estudo do ano passado publicado na revista médica BMJ Open revela que diminuir o tempo no sofá diante da TV para menos de duas horas por dia concede 1,4 ano a mais de vida para as pessoas.

• DOENÇAS NO RIM

Outra pesquisa revela que quanto menor o tempo sentado, menor a chance de desenvolver doenças no rim, especialmente nas mulheres. Naquelas que conseguiram reduzir o tempo sentadas para apenas 3 horas por dia, o risco de doenças no rim diminuiu 30%.

• SAÚDE MENTAL FRÁGIL

De acordo com autoavaliações feitas por mais de 3.500 pessoas e organizadas pela Annals of Behavioral Medicine, a maioria das pessoas associou o tempo em que permaneceram sentadas fora do trabalho a atividades negativas para o desenvolvimento da saúde mental.

• OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA

Obesos sentam-se 2 horas e meia mais que os demais. Quanto menor o tempo sentado, menores também as chances de desenvolver a síndrome metabólica, combinação de fatores envolvendo colesterol, pressão e triglicérides.

• MORTE POR CÂNCER COLATERAL

Segundo o Journal of Clinical Oncology, estudo realizado com pessoas diagnosticadas com câncer indicou que aquelas que ficaram menos paradas elevaram em 8% sua chance de sobrevivência.

• MORTE

Estudo divulgado em março deste ano na Archives of Internal Medicine analisou mais de 200.000 australianos de meia-idade e mostrou que pessoas que passavam mais de 11 horas por dia sentadas apresentaram mais de 40% de risco de morrer em três anos. Para aqueles que se exercitavam pelo menos por 5 horas na semana, o risco é bem menor.

O que você está esperando? Levanta daí!

(Adaptado do site da revista Galileu.)

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br